

MARÉ VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO III — N.º 106 — Preço 5\$00 — 27/7/78

DE QUEM SÃO OS TERRENOS DE CAÇUFAS?

Conforme já noticiámos no «Maré Viva», viva controvérsia se levantou em Anta, devido à discussão sobre a posse de determinados terrenos em Caçufas.

A Junta de Freguesia reclama os terrenos como sendo património Municipal; por seu turno, Henrique Moreira de Sá afirma que são seus, que os comprou de outrem.

O assunto já foi amplamente debatido em Assembleia de Freguesia, por sinal bastante animada. Na Assembleia esgrimiram-se de parte a parte provas e contra-provas, apresentaram-se plantas, argumentou-se com

calor; no entanto subsistiu a confusão e a dúvida: tudo ficou como dantes, sendo o processo remetido à Câmara Municipal para estudo.

Para esclarecer um pouco mais o assunto (se possível) fomos até Caçufas. Procurámos ouvir a opinião das pessoas mais antigas, por certo melhor conhecedoras do evoluir dos acontecimentos.

Ouvimos a sr.^a Balsemina da Rocha Milheiro que começou por dizer:

«É muito complicado o problema dos terrenos. Há talvez 30 anos a Câmara de então

desenvolveu um processo de expropriações de terrenos para abrir poços à procura de água. Esse terreno em questão pertencia a pessoas que como outras foram expropriadas».

Mas Henrique Moreira de Sá afirma ter adquirido aqueles terrenos. Insistimos para obtermos mais esclarecimentos. Resposta:

«Tanto quanto sei esses terrenos são da Câmara. Mas o senhor vá falar com um homem que mora aqui perto que esse é que lhe explica bem como é que isso é».

continua na página 8

CONVÍVIO NASCENTE

— UM DIA FORA DE PORTAS



Houve de tudo um pouco. Desde o banho no mar até ao jogo da malha, passando pelo futebol, pelo badminton, pelo atletismo, pelo xadrez, pelo voleibol. Atirou-se às latas com bolas de pano, correu-se de saco sem olhar à idade e... à barriga! Comeu-se e bebeu-se, pois claro. Cantou-se muito, dançou-se, ouviu-se um poema. No fim, meteu sardinhada. Pelo meio, muita alegria, muita festa.

Quantos seríamos? Um ror

deles, activistas e sócios da NASCENTE. E até gente de fora, que tinha ouvido notícia e resolveu ir ver como era. Havia mesmo quatro espanhóis, imagine-se!

Uns foram a pé. Outros de comboio. Bastantes de bicicleta. Alguns de carro, famílias inteiras e mais os amigos. As 9 da manhã já lá estava gente. Depois, era sempre a chegar... Porquê ir? Só pelo desporto?

Só pela mata? Só pela praia? Só pelo piquenique? Ou por muito mais do que isso, por essa força que nos segura e nos empurra para a frente, por essa vontade enorme de converter nos intervalos de intenso trabalho comum, por essa certeza de uma NASCENTE que se afirma e cresce?

Os últimos abandonaram o local pelas 9 da noite. E quantos propunham já um outro piquenique para Agosto!

DEPUTADOS DO P. C. P. NA PARAMENSE E NA RABOR

Nos passados dias 9 e 10 deslocaram-se a Espinho os deputados do P. C. P. Hermenegilda Pereira, membro do Comité Central, Sousa Marques, que faz parte da Comissão Parlamentar de Economia, e António Zuzarte, que também representa o P. C. P. na Comissão Parlamentar de Trabalho.

Sobre os objectivos da deslocação desta delegação parlamentar à nossa região, esclare-

ceram-nos que, aproveitando as férias no seu trabalho na Assembleia da República, procuravam assim comunicar aos trabalhadores a sua experiência como deputados e transmitir-lhes as suas impressões sobre as questões que na A. R. dizem respeito aos trabalhadores e, simultaneamente, ouvir da parte dos trabalhadores os problemas que mais os preocupam para depois os poderem transmitir na As-

sembleia da República.

Sobre a última legislatura, salientaram o trabalho desenvolvido pelo grupo parlamentar do P. C. P., quer no número de intervenções, de propostas e de pedidos de esclarecimento, quer nas entrevistas concedidas às mais variadas representações de trabalhadores que se deslocaram à A. R.

continua na página 3

DE SEMANA A SEMANA

Estava-se mesmo a ver...

...que este governo não ia longe, que o C.D.S. não se ia deixar ficar muito civilizado a servir de muleta à vontade de governar do Partido Socialista. O C.D.S. é paciente. Foi ganhando pouco a pouco o seu lugar na cena política portuguesa, já se passeia nos palácios das democracias cristãs europeias e, aqui há uns meses, agarrou o seu lugarzinho no poder.

Mas a paciência esgota-se e o C.D.S. achou que tinha chegado a altura de dar mais um pulo na carreira. Dir-se-á que o C.D.S. não tem razões para estar satisfeito com a política do Ministério da Agricultura, dos Assuntos Sociais ou mesmo da Educação. Mas não é isso que fundamentalmente o faz correr: na Agricultura (e por muito peso político que tenha a consolidação da Reforma Agrária) não reside o motor da economia portuguesa; nos Assuntos Sociais já tinha o seu documento em discussão como alternativa ao Serviço Nacional de Saúde de Arnaut; quanto à Educação, percebe-se o seu gol-

pe de contestar um ministro que será o mais impopular de todos quantos habitam o Palácio de S. Bento. Não. O que faz correr o C.D.S. é mais do que isso. É a luta pela conquista de melhores posições no aparelho de Estado e pelo reforço de uma política que de capitalista e monopolista já tinha de sobra para satisfazer uma dita menos ambiciosa.

O Partido Socialista, como sempre sucede nestes tipos de ligações, foi o último a saber. Ultrapassada a visita de Giscard, deu-se o desenlace. Surpreendido lá vai fazendo uns telefonemas para Bona para saber para que lado se há-de virar, mas não cremos que de lá lhe tenham indicado a orientação mais correcta.

E enquanto o P.S. hesita e o P.P.D. arrebita as orelhas, o C.D.S., civilizadamente, espera. Assim ao jeito do Tomás que esperou quatro anos e agora já está em Cascais, aqui, mesmo nas nossas barbas.

Mas, não esqueçamos, há trabalhadores neste país.

Ofício vai, ofício vem

Val ofício, vem ofício (quando vem...), telefonema para aqui, telefonema para ali, o «dossier» a crescer, os papéis a amontoarem-se, a paciência a faltar, a descrença a ganhar terreno: um pouco caricaturadamente, é assim que se processam mui-

tos dos assuntos pendentes na Câmara, alguns dos quais do maior interesse e urgência para o concelho.

Até que um dia, vá lá saber-se porquê nesse dia, algum tinha que ser, dirão os optimistas, ao manusear-se,

continua na página 8

CINANIMA 78

EM CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Nas instalações da Cooperativa Árvore, no Porto, no passado dia 14 de Julho, a Comissão Organizadora do CINANIMA 78 expôs aos órgãos de informação os objectivos e as

formas de organização do II Festival Internacional de Cinema de Animação, a realizar em Espinho de 22 a 26 de Novembro. Fazendo um balanço do I Festival

continua na página 8



De Espinho à Granja é tão longe...

O famigerado caso da chamada «estrada turística» Espinho-Granja, continua por resolver. Todavia, nem por estar perfeitamente aceite o interesse da obra e até já aprovada pelo Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo ela abandona a «gaveta» onde tem estado encerrada à espera da luz verde. A entidade a quem compete a adjudicação da obra é a Câmara de Gaia, mas a Câmara de Espinho não se tem furtado a esforços para tentar aproximar o mais possível o momento da concretização de uma obra de importância capital para Espinho.

Assim, Artur Bártolo deslocou-se a Lisboa onde em contacto com o Director-Geral do Planeamento Regional e Urbano obteve algumas informações que permitem uma certa esperança em que a estrada virá a ser construída brevemente. De facto, aquela entidade comprometeu-se a apresentar a despacho superior o pedido de expropriação dos terrenos necessários e consequente posse administrativa, já apresentado pela Câmara de Gaia. Prometeu ainda desenvolver esforços no sentido de fazer dotar a Câmara de Gaia dos meios financeiros que permitam a execução da estrada.

Saliente-se que para tornar mais clara a urgência e importância da obra, o Presidente da Câmara de Espinho se muniu de números significativos: a estrada virá encurtar em cerca de três quilómetros o percurso Espinho-Granja, o que em relação à média de quatro mil automóveis por dia que fazem aquele trajecto representa uma economia de mais de 9.000 contos anuais em gasolina e uma verba elevada em tempo útil que se poupará a fazer o trajecto. Entrando em consideração com estes factores conclui-se que a construção da estrada trará um benefício de alguns milhares de contos à economia nacional. Esperemos pois que não demore muito.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ESPINHO

Já não é a primeira vez que se tenta montar uma exposição retrospectiva de Espinho, aparecendo volta e meia umas colecções de fotografias em que não falta a inevitável igreja a ruir sob as investidas do mar.

Mas desta vez, no Salão da Piscina, a Comissão pró-Museu de Espinho foi bem mais longe e levantou uma exposição digna de se ver. Fotografias, jornais diversos documentos e artesanato, demonstram que houve trabalho sério e que há gente para andar com o museu para a frente. Abriu no sábado e ainda vai estar lá mais uns dias, a tempo de o leitor lá dar um salto e gostar.

P. S. P. INFORMA

Como vem sendo hábito, o Comando Distrital da P. S. P. apresentou em comunicado os aspectos da criminalidade e a sua actividade durante o último mês de Junho, referentes à Zona Urbana de Espinho.

Em relação ao período anterior, notou-se um aumento de assaltos a habitações, bem como maior número de agressões. O valor dos furtos ascendeu a 325 contos e os valores recuperados somaram 33 milhares de escudos.

Na sua actividade, o patulhamento da P. S. P. nesta zona somou 3.789 horas.

Sessão da U. D. P.

No passado sábado, realizou-se no edifício da Lota uma sessão de esclarecimento promovida pela U. D. P. a qual contou com a presença do seu deputado Acácio Barreiros.

No decorrer da sessão foram abordadas algumas questões sobre a conjuntura política, a que se seguiu um período de perguntas e respostas.

ASSINAR É COLABORAR

«Maré Viva» é um jornal em expansão. Faz parte duma Cooperativa Cultural que não pára de crescer. Vamos fazer um esforço para arranjar mais assinantes.

Colabore connosco. Fortaleça a independência e a qualidade de «Maré Viva». Divulgue o nosso jornal. Indique um novo assinante.

Assinatura anual para o País (52 números) 240.00 — pagável em 2 prestações.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL

Sessão Pública no dia 28-7-78 pelas 21,30 horas

Avelino Ferreira Loureiro Zenha, Presidente da Assembleia Municipal de Espinho:

Faz público, nomeadamente tendo em atenção o preceituado no n.º 1 do Art.º 100.º da Lei 79/77 de 25/10, que no próximo dia 28 de Julho de 1978, pelas 21,30 horas, se realizará nos Paços do Concelho, uma sessão extraordinária desta Assembleia, que versará a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Distribuição do subsídio de Esc. 900.000\$00 pelas diversas colectividades do Concelho;
- 2 — Deliberação s/a proposta do Executivo relativa à distribuição da verba de Esc. 300.000\$00, para festas de carácter popular a realizar nas freguesias do Concelho;
- 3 — Parecer sobre a proposta do Executivo para aplicação da verba de 25% do imposto de jogo a cobrar no próximo ano;
- 4 — Revisão da Postura de Trânsito em vigor;
- 5 — Deliberação sobre uma proposta para a criação de uma Associação de Municípios da aglomeração do Porto, e sobre um esboço de uma estrutura administrativa para a área metropolitana do Porto com vista à elaboração do Plano de estrutura, elaborado pela Comissão de Planeamento da Região

Norte.

Para constar se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo do concelho.

Espinho, 20 de Julho de 1978

O Presidente da Assembleia Municipal
Avelino Ferreira Loureiro Zenha

Cerqueira Fernandes

SOLICITADOR

AV. 24 N.º 741 S/D

Tel. 923129

Almeida Santos

ADVOGADO

Escritórios:
Av. 24 n.º 741, Sala C — Tel. 923314
ESPINHO (Junto ao Café Parque)
Horário — às 2.ª — Todo o dia,
4.ª e 6.ª — de manhã

VILA DA FEIRA Telef. 96251
(Junto às Escadas do Convento)

VENDEM - SE

CANÁRIOS DE VÁRIAS
CORES E RAÇAS

CASA 44 - Bairro da Câmara
(Junto ao Bairro Piscatório)

Compra e venda de automóveis novos e usados
totalmente revistos

c/ certificado de garantia

STAND BARROS

de JOAQUIM BARROS DE OLIVEIRA

Rua 24 n.º 205 — Telef. 922582 — Apart. 170 — ESPINHO

Relações públicas da C P respondem

Sob o título «Arranjos na Estação da C. P.», publicou o jornal de V. Ex.ª, uma local relativa à nossa estação dessa cidade.

Acerca da referida notícia desejamos prestar os seguintes esclarecimentos:

1. Os trabalhos em causa não visaram apenas «lavar a cara» ao edifício, como se diz, mas sim destinaram-se a melhorar substancialmente o serviço de aquisição de bilhetes;

2. Foi ainda aproveitada a oportunidade para se criarem melhores condições de trabalho aos nossos funcionários ali em serviço;

3. No aspecto estético beneficiou-se integralmente o exterior do edifício e, bem assim, as instalações sanitárias;

4. Quanto ao abrigo da linha n.º 2 (junto à Rua 8), foi ele integrado no mesmo tipo de beneficiação exterior do edifício de passageiros.

Com os nossos cumprimentos
O Chefe do Serviço de Relações Públicas

Américo Ramalho

NOTA DE REDACCAO

Com o ofício acima transcrito, datado de 13 do corrente mês de Julho, pretende o Serviço de Relações Públicas da C. P. prestar esclarecimentos acerca da local que publicámos em 23 de Fevereiro e que incidia especialmente sobre o abrigo da linha 2.

Ficamos, e os nossos leitores, assim esclarecidos que a C. P. não demoliu e substituiu o exiguo e antiquado casinhoto por uma cobertura mais ampla que

salvaguardasse a estética e o conforto dos passageiros por ele ter sido integrado no mesmo tipo de beneficiação exterior do edifício de passageiros.

A estética e os utentes da C. P., que pagam as tarifas que esta lhe vai impondo, mereciam, em nosso entender, melhor tratamento.

CONSELHO MUNICIPAL JÁ REUNIU

O Conselho Municipal de Espinho reuniu no passado dia 17 na sala das sessões da Câmara com a presença de todos os seus membros.

O único ponto da ordem dos trabalhos respeitava ao seu Regimento, que ficou aprovado na sua totalidade, tendo a reunião durado até à 1 hora do dia 18.

Com a aprovação do Regimento foi cumprida a primeira das atribuições do Conselho Municipal e ficaram criadas as condições para entrar em funções o que entre outras coisas inclui dar pareceres sobre o Orçamento, o Plano de Actividades, o Relatório e Contas, Empréstimos, Posturas e Regulamentos etc., da Câmara Municipal.

ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADE
EM MOBÍLIAS
DE ESTILO
SÉCULO XVII

**JOSÉ
AZEVEDO
PERES
BIZARRO**

R. 4 n.º 667 — Tel. 921324

ESPINHO

CINEMA

S. PEDRO

Dia 27, Quinta-feira
RETALHOS DA VIDA
BURGUESA

M/ 18 anos

Segundo supomos, a reposição duma película de interesse muito limitado, para além da presença sempre simpática de Philippe Noiret, não é motivo suficientemente forte para se ir ao cinema, mas como a intenção é ser uma comédia já agora aproveite-se a oportunidade.

Dia 28, Sexta-feira

SAIAS ACIMA... JÁ

M/ 18 anos

Nunca aqui referimos ser a Alemanha Federal o maior fornecedor de fitas erótico-pornográficas do mercado português, atendendo à dispersão dos seus capitais multinacionais e que surgem através do seu envolvimento nas co-produções. Esta, como todas as outras, é de uma confrangedora ausência de imaginação que, felizmente, vai criando já chateza entre o seu público delicado.

Dia 29, Sabado

O IMPLACAVEL

M/ 18 anos

Por este e por outros filmes do mesmo calibre somos levados a imaginar que Jean Paul Belmondo deve estar envolvido em grandes compromissos financeiros. Ele já não olha a quê para ganhar algum. Com isto quem fica a perder são os seus admiradores que se vêm sentindo cada vez mais defraudados. O resto, é policial de cordel.

Dia 30, Domingo

OS VIOLENTOS

M/ 18 anos

Na mesma peugada do anterior mas, sem dúvida, um pouco melhor, Yves Montand também alinha num filme policial de lineu. No entanto, tem a vantagem de apresentar um argumento não desinteressante de todo. O que é já de considerar.

Dia 2, Terça-feira

A INCRIVEL SARAH

M/ 18 anos

A figura daquela que ainda hoje é tida como uma das mais notáveis divas do Teatro, Sarah Bernard, é tema para este filme no qual surge Glenda Jackson a encarnar aquela personagem. Simplesmente há a registar que lhe fica muito aquém, prejudicando tudo com uma interpretação maçadora e arrasada.

mare viva

SEMANÁRIO

Director:
ANTÓNIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade:
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Letra, António Santos, Casal Ribeiro, Eduardo Oliveira, Eugénio Morais, Fernando Meneses, Gabriel Jesus, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Jorge Lopo, Manuel Henriques, Moreira da Costa e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos P. Morais

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESSES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Deputados do P. C. P.

continuação da página 1

Quanto às impressões que recolheram dos contactos que tiveram com trabalhadores da região, disse-nos Sousa Marques:

«Aqui mais perto de Espinho, fomos convidados pelas comissões de trabalhadores da Cooperativa Operária Paramense e da Rabor.

Na Cooperativa Paramense, tivemos uma reunião com a sua Direcção e depois um contacto, ainda que breve, com os trabalhadores. Ficámos sensibilizados com o esforço que os trabalhadores têm feito para recuperar a empresa, depois do abandono do patrão. Propusemos-nos levar o assunto para o domínio da A. R. e aí entrar em contacto principalmente com os deputados socialistas, de modo que o Governo assegure a sobrevivência da empresa, sem o regresso da entidade patronal.

Fomos bastante bem recebidos e foram-nos postas algumas questões, problemas vividos ao fim e ao cabo por um grande número de empresas, em que os trabalhadores as salvaram da ruína, mas que agora se vêm em grandes dificuldades, quer pelas limitações ao crédito, quer porque a situação patrimonial não está resolvida. Os trabalhadores utilizam o património da empresa (máquinas, instalações, etc), produzem riqueza e querem ver a sua situação esclarecida.

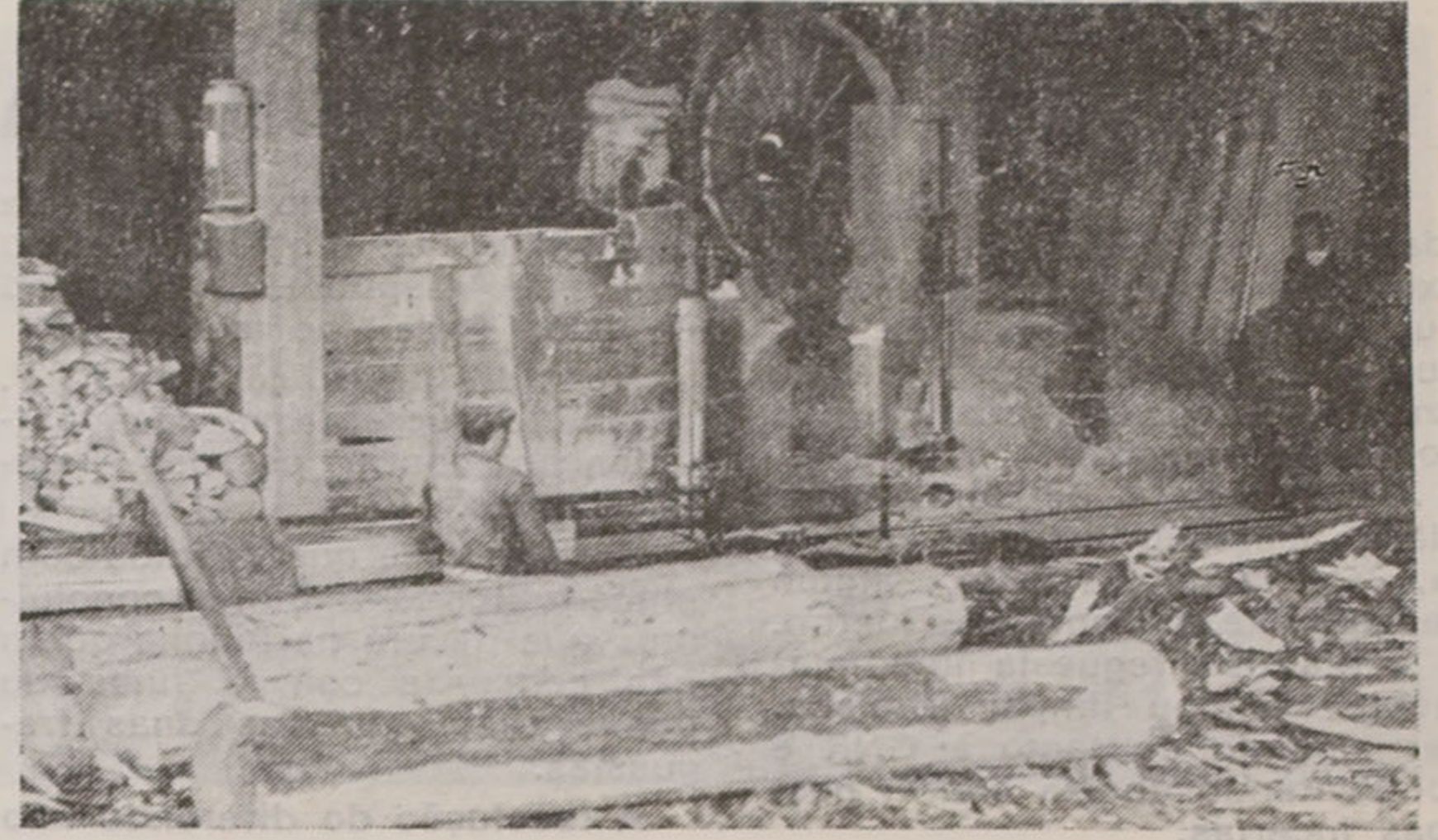
Da empresa Rabor, conhecemos a sabotagem feita pelas multinacionais, nomeadamente a I. T. T., que deixou a empresa numa situação ruínosa, carregada de dívidas. Pois em contacto com os trabalhadores fomos informados da recuperação por eles realizada, a ponto de a Rabor ser neste momento uma empresa lucrativa. Os trabalhadores querem aumentar o número de postos de trabalho, aumentar a produção fazendo mais investimentos, mas querem ver a situação da empresa definida, para que este seu esforço não

venha a ser liquidado por uma devolução ao patronato.

Temos que salientar o grande esforço feito pelos trabalhadores pela defesa da empresa e dos seus postos de trabalho e julgamos que, neste aspecto, a Rabor é exemplar a nível nacional.

Sousa Marques referiu-se ainda à evolução do movimento sindical no Norte do País. «Estamos ao corrente das mais recentes vitórias das listas unitárias nas eleições sindicais mais importantes e achamos que isso só vem demonstrar a consciência de classe dos trabalhadores. Tem daí resultado um esforço do movimento sindical nas zonas industriais e, nas zonas de pequena e média propriedade, nota-se também uma crescente adesão aos diversos movimentos de rendeiros e, em particular à Comissão Nacional da Agricultura, que neste momento tem registado grandes avanços na sua organização.

Madeireiros discutem Contrato



MADEIREIROS: POR UMA VIDA MELHOR

Em plenários realizados em várias regiões, foi dado a conhecer aos trabalhadores do sector das madeiras, através dos seus sindicatos, o projecto que visa a alteração da actual portaria. Esta alteração incluía não só a substituição de certas cláusulas de algumas cláusulas, como também a introdução de outras.

Nas novas cláusulas salienta-se o pagamento de diuturnidades, subsídios para a alimentação, para a ferramenta utilizada no trabalho e subsídio em caso de doença. Reivindicam também, os sindicatos um aumento salarial na ordem dos 2.000\$00 para cada categoria. Quanto ao aumento salarial tem o sindicato das madeiras de Aveiro uma proposta para um aumento de 2.500\$00 para profissionais e de 1.500\$00 para os aprendizes. Segundo um dirigente deste sindicato «este aumento será difícil por já estar decidido por maioria os

2.000\$00 para todas as categorias». Disse-nos ainda que «as negociações encontrarão maiores dificuldades nas tabelas salariais visto serem os aumentos que as entidades patronais geralmente recusam».

A entrega do projecto às entidades patronais será hoje, com a condição de ser negociado em dois meses, o que a não se verificar levará os trabalhadores a adoptar formas de luta adequadas.

NOTÍCIAS DO COOPERATIVISMO HOTELARIA

Greve no sábado

As cooperativas de consumo cabe papel muito importante na educação dos consumidores, cada vez mais sujeitos à influência da publicidade das sociedades de consumo, sendo as maiores vítimas as donas de casa.

Se também as cooperativas «alinham» no esquema, os seus sócios acharão muito natural encontrar nas suas lojas todas as marcas de detergentes, sabões, insecticidas, sabonetes, desodorizantes, etc., tal qual se verifica em qualquer supermercado.

Embora não existam ainda organismos que lhes possam fornecer índices de qualidade dos produtos a vender, devem as cooperativas procurar esclarecer os seus associados por forma a que estes aceitem adquirir o menor número possível de marcas de determinados produtos (muitas vezes é o mesmo produto com marcas diferentes).

Conseguida esta colaboração dos consumidores resultará grande benefício para as cooperativas e o próprio consumidor ver-se-á «ajudado» no seu dilema de escolha.

da actual Direcção, informou-nos sobre a fase mais recente da cooperativa:

«Desde 1976 temos procurado abrir a primeira das lojas que pensámos instalar no concelho de Gaia. As dificuldades têm sido muitas mas hoje temos a satisfação de ter vencido. Este estabelecimento foi obtido por trespasses, pela importância de 400 contos. Como nunca fizemos uma campanha de sócios, por não termos loja e também mais preocupados com o aspecto organizativo, só tínhamos 200 contos, tendo os 200 contos que faltam de serem pagos em Janeiro de 1979. Entre os nossos 180 sócios conseguimos já mais 100 contos por empréstimo em títulos de 200\$00, amortizáveis em 2 anos. Quanto ao funcionamento da

O próximo dia 29 poderá ser assinalado por uma paralisação nacional dos trabalhadores da indústria hoteleira. Em conversa com um dirigente sindical em Espinho, pudemos saber as razões fundamentais de os trabalhadores estarem a encarar esta forma de luta:

«Houve já negociações em 1975 de um Contrato Colectivo de Trabalho, mas que não terminaram por boicote dos representantes do patronato. O Governo acabou por decidir o impasse, publicando uma Portaria Regulamentadora de Trabalho que está agora a caducar. Chegou, pois a altura de se tentar de novo a negociação de um novo Contrato com os industriais de hotelaria, mas estes apareceram à mesa das negociações dizendo que queriam continuar a negociar o Contrato que propusemos em 1975. É claro que os trabalhadores não vão na conversa e não vão discutir tabelas salariais que seriam justas há três anos, mas que agora foram completamente ultrapassadas pelo aumento brutal do custo de vida. A greve no dia 29 será, pois da responsabilidade do patronato, a não ser que este reveja a sua posição».

Perguntámos se haveria perspectivas de uma boa adesão à greve, a exemplo do que sucedeu recentemente na Madeira, onde a percentagem rondou os 80%.

«Não é uma pergunta a que possa responder, pois muito há ainda a fazer para a mobilização dos trabalhadores. Há dificuldades a ultrapassar, nomeadamente o facto de muitos trabalhadores de cafés e restaurantes estarem a trabalhar à percentagem, contrariando a P.R.T. e o próprio espírito da nossa luta. Esperamos no entanto que a consciência dos trabalhadores venha ao de cima nesta hora tão importante».

Mas, pelos vistos, nem só com eles os trabalhadores devem contar: «Sabemos também que o patronato prepara aqui em Aveiro a formação dum sindicato paralelo, a exemplo do que já tentou em Beja, com o intuito de nos dividir. Também estamos atentos a isso e tudo faremos para lhes destruir os intentos».

COOPESPINHO

Após várias tentativas a Coopespinho conseguiu local para a sua primeira loja.

Situada na Rua 62 n.º 330 e 332, irá sofrer beneficiações

COOPERATIVA POPULAR DE GAIA

No passado sábado efectuou-se em V. N. de Gaia, na zona de Santa Marinha, a apresentação aos órgãos da informação

Greve possível na Panificação

Com o contrato de trabalho em vigor desde 1 de Março de 1977, os sindicatos da panificação em 10 de Maio de 78, através da sua federação e da comissão negociadora sindical apresentaram uma proposta de alteração da tabela salarial às associações patronais, tendo recebido destas a recusa de quaisquer negociações.

Foi feita nova convocatória para negociações e as entidades patronais não compareceram nem deram qualquer resposta. Em face disto os sindicatos federais realizaram nos distritos, plenários com a presença dum membro da comissão negociadora sindical a fim de consultar os trabalhadores das formas de luta a adoptar, para fazer o patronato sentar-se à mesa de negociações.

Foi aprovado por unanimidade como princípio de forma de luta fazer-se greve nas padarias cujos donos sejam directores das associações patronais, por se reconhecer que estes são os principais responsáveis pelo impasse verificado nas negociações. Contudo esta forma de luta só será aplicada como último recurso, fazendo-se já a prévia sensibilização do público consumidor.



para poder abrir então com todas as condições.

Entretanto, a partir da próxima semana, talvez já ali se possam dirigir os interessados em tratar quaisquer assuntos.

da primeira loja da Cooperativa Popular de Gaia.

«Maré Viva» presente ao acontecimento procurou informar.

«Em 1975 algumas Comissões de Moradores do Concelho de Gaia reuniram-se para acertarem os sectores cooperativos que cada uma procuraria dinamizar. A nossa «tocou» o sector de consumo. Passados alguns meses, em Março de 1976, dez «destemidos» deram forma legal à Cooperativa Popular de Gaia», disse-nos José Guedes da Comissão de Moradores da Barrosa-Devesas, e membro dos primeiros corpos gerentes.

Almeida Campos, secretário

nossa cooperativa, procuraremos defender os interesses dos consumidores confiando prioritariamente às cooperativas de produção e aos pequenos agricultores e industriais, por forma a eliminar intermediários e vender melhor produto por menor preço».

Por último ouvimos a sr.ª Emília Rodrigues, que nos disse:

«Entre para sócia desta cooperativa porque espero comprar aqui os produtos mais baratos e deixarei de dar lucros aos especuladores. As cooperativas são para defender os sócios e ainda com os lucros podem ter uma acção social de que todos beneficiem».

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752
ESPINHO

Vende-se

DYANE NAZARÉ - 1977
COMO NOVA

Para mais informações:
Telef. 920054 às horas das refeições

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 920592
ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE COPELIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista

Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

GUETIM

GUERRA DE PLACAS ENTRE GUETIM E IDANHA

No limite entre Guetim e Idanha (freguesia de Anta), existe uma placa de sinalização que assinala o limite da freguesia de Guetim. Essa placa, de azulejo, colocada numa casa, é ponto de discórdia.

De 3 para 4 de Junho essa placa apareceu coberta de tinta, eliminando, assim, algum descontente, o nome de Guetim. A Junta de Freguesia imediatamente mandou limpar a placa, participando do facto à GNR e apresentando queixa contra pessoas incertas.

No início de Julho a placa apareceu danificada com um furo e na noite de 4 para 5 de Julho a placa ficou quase destruída, praticamente tornando ilegível a palavra Guetim.

No passado sábado a Junta de Guetim mandou instalar no-

va placa. Domingo foi a festa da Idanha com procissão até ao local da disputada placa; no entanto, nada lhe aconteceu.

Após a destruição a J. F. de Guetim apresentou nova participação contra pessoas indeterminadas.

Em conversa que tivemos com alguém ligado à Junta concluímos que haverá na Idanha quem não concorde com a linha de demarcação entre as duas freguesias.

A resolução do diferendo não passa pela destruição sistemática das placas de sinalização, mas sim pelo diálogo.

Este assunto ainda merecerá neste jornal desenvolvimento adequado. No próximo número apresentaremos uma reportagem sobre o assunto.

Campanha de Segurança Rodoviária

Foram abertos ao público os Postos de Estrada da Campanha de Segurança Rodoviária «Circular é Viver» que se destinam a apoiar os condutores nacionais e estrangeiros que circulam pelas nossas estradas, quer fornecendo informações sobre itinerários quer divulgando as normas necessárias para uma circulação em segurança, de entre as quais se destaca uma paragem ao fim de duas horas de condução, tendo em conta que o índice de atenção do condutor após esse período de tempo, desce para valores considerados perigosos para a condução.

ETC. e TAL

"CASARÃO": AMORES E... TESOURAS!

Todos vemos que o Jarbas, de quem ele gosta é... da Lina.

Todos vemos que a Lina, de quem ela gosta é... do Jarbas. E que a Lina não gosta do Estêvão.

Nem o Estêvão gosta da Lina. O Estêvão quer a Lina. De quem o Estêvão gosta é... dele próprio.

O Brasil não gosta do divórcio. Embora admita a separação, o tal «desquite» já que não tem outro remédio.

O «Casarão» original, que o realizador tinha pensado, separava a Lina do Estêvão e, como já todos naturalmente concluímos, juntava a Lina e o Jarbas, numa relação de amor sem problemas. O Estêvão encontrava a Célia, que gostava dele, e ficavam os dois muito bem.

(É o romance, a telenovela, não sou eu...).

Mas o Brasil tem censura.

E usa-a de modos subtis.

Assim, por «determinações superiores», a Lina não pode acasalar com o seu querido Jarbas. Porquê? Não parece bem aos «coronéis» que a mulher, tendo a ousadia suprema de renegar o seu marido-para-a-vida-e-para-a-morte (marido que só começou a tratá-la bem quando a viu fugir...), conseguisse encontrar um segundo amor e ser feliz na vida. A ousadia, terá que pagá-la caro, expiando até ao cúmulo o «crime» de ter deixado de gostar de um homem e ter-se apaixonado por outro... Não pode nunca mais sentir a felicidade do amor. Terá que ser só.

O mais curioso de tudo isto é que o Estêvão (o marido, coitado!), abandonado) tem todo o direito de ser feliz quantas vezes quiser. E vai ficar com a Célia.

É homem!

"A SITUAÇÃO É ENCORAJADORA"

(Cardia?)

A escolaridade obrigatória é, em Portugal, de 6 anos. Ou seja, a primária e mais o ciclo ou 5.ª e 6.ª classes. E é obrigatória (no papel!) por estranho que pareça, desde 1964.

Hoje, em 1978, há ainda 17% (dezassete em cem) crianças portuguesas que não cumprem esta escolaridade

obrigatória, ficando-se apenas pela quarta classe. Em alguns casos, talvez desconhecendo que o famigerado diploma da quarta classe já não é nada.

Um problema grave, que certamente, Sottomayor Cardia não deixará de resolver com o decreto-lei da próxima semana...

SILVALDE

O JORNAL E OS BOICOTES

Mais uma campanha de desprestigiamento do jornal local de Silvalde, o «Porta-Voz», acaba de ser conduzida por «zelosos» e «autoritários» senhores, que tentariam derrubar o periódico no fundo por dor de cotovelo política, mas invocando aversão do jornal a tudo (que tudo?) quanto se faz na terra.

O «Porta-Voz», que se publica naquela freguesia há 10 meses, tem seguido uma linha progressista, mas aberta a todos os quadrantes, na tentativa de elevar o nível cultural-social do povo besouro, motivo pelo qual o seu trabalho não tem sido visto com bons olhos pela camada privilegiada e/ou conservadora da terra.

Era ainda bebé de 5 meses quando os ataques surgiram inclusive na imprensa regional. Como tais acusações tivessem sido prontas e claramente desmanteladas, e como o mensário pôde gozar de maior independência em relação ao poder local e outros, a sua acção informativa-formativa prosseguiu até que — agora — os ditos senhores, em reunião com meia dúzia de silvaldenses, falaram, deturparam, quase que impuseram uma linha ao jornal num acto classificável de censório e — o que será mais grave — abriram o caminho a monstruosos boatos. A direcção do «PV», que entretanto não fora informa-

RASCUNHOS

O homem é um animal de vícios. Toda a gente o sabe e ao dizer «homem» não faz discriminação sexual porque utiliza a palavra para designar tanto o Adão como a Eva.

Vícios há-os aos montes. Do jogo. Do tabaco. Da droga. Do sexo. Da política. Da má língua. Do falar por falar. E por aí fora, até ao infinito.

Da má língua lembra-me um caso que o meu compadre me contou há muito tempo. O pai dele, na sua juventude, correu o mar e a marinha, Portugal e os Algarves, nas mais diversas profissões até assentar definitivamente e numa acalmar a sua procura de solidez. Nessas andanças, salvo erro precisamente nos Algarves de que os reis falavam e hoje falam os turistas, foi aprendiz de barbeiro. Não garanto a autenticidade da anedota, até porque mete barbeiro falador (o que é um lugar comum), mas vendo-a pelo preço por que a adquiri, isto é, de borla e sem bonus. Pelos vistos o mestre barbeiro, além de palrador, tinha o vício da má língua. Consoante a clientela que se deixava escanhoar ou pacientemente se submetia à depilação da parte superior do crâneo, o nosso rapa-caveiras metia o dente aguçado na vida deste e da-

quela, encantado da vida. Claro que era suficientemente matreiro para não beliscar os clientes presentes mas desancava a torto e a direito na população da parvónia. E tão enraçado lhe estava o vício que, quando o boteco estava vazio, à falta de auditório (em que não incluía o aprendiz) postava-se de frente ao espelho e dizia para a sua própria imagem, em tom rude e acusatório: «Deixa lá, meu sacana, que tu também és um rico filho da...».

Este é um risonho exemplo do viciado na má língua. Há-os também do simples falar por falar, falar indefinidamente, para que os outros os ouçam ou meramente para se ouvirem a si próprios na falta de espectadores. Eu sou muito pouco falador. Ouço mais do que digo. E, quando me surge pela frente um destes viciados, lembro-me da telenovela que agora anda pelos nossos receptores — O Casarão. Confesso que fico com uma figadal inveja (eu que não sou invejoso) do Seu Atílio. Esse, ao menos, quando a conversa não lhe cheira, desliga o aparelho e mergulha profundamente na paz imensa da sua surdez.

Carlos P. Morais

da da realização de tal reunião, não pôde por isso mesmo pôr os pontos nos «ii» e se num dialogo com um dos ditos senhores os jovens jornalistas puderam aclarar certos pontos, os boatos têm prosseguido por vezes com desopilantes mentiras.

Um público certo aguarda o jornal mas... tencionará tal senhor repor a verdade para que não caiam sobre o periódico infundadas imagens?

O BAPTISMO SEMPRE SE FEZ!

Depois de inúmeros protestos do povo besouro e da imprensa local e regional, as placas toponímicas, que conforme demos conta em devido tempo restavam amontoadas no edifício-sede da Junta local, foram finalmente colocadas nas artérias silvaldenses.

Na toponímia agora adoptada predominam os nomes dos antigos lugares.

Notícias da «SEMENTE»

O Grupo Cultural «SEMEN-TE», de Esmojães, decidiu organizar uma festa dedicada ao emigrante, a realizar em 19 de Agosto em Esmojães.

É o seguinte o programa: Pelo fim da manhã será emitida música gravada e Zés Pereiras percorrerão a Freguesia fazendo constar a festa.

Pelas 18 horas «Sardinhada» a que se segue apresentação de Grupos Corais e Folclore. Em seguida os emigrantes dançarão, eles próprios, folclore ao som da música gravada. A partir das 21,30 horas tocará um conjunto de música ligeira até à meia-noite, sensivelmente.

Considerando o emigrante, merecedor de todo o carinho e apoio por parte dos seus compatriotas, pelo facto de ser obrigado a procurar em terra alheia o seu sustento, o Grupo «SE-

MENTE» apela para todas as entidades ligadas ao sector da emigração, e a particulares que se interessam pelo emigrante, no sentido de darem a sua ajuda. Agradece também aos familiares dos emigrantes que colaborem ao máximo na divulgação da Festa.

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

Filomena Maia Gomes

— ADVOGADA —

ESCRITÓRIOS

R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939

PORTO

R. 19 n.º 343, 1.º-Sala E — Tel. 922964

ESPINHO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO

Telef. 921823

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Reparações Mecânicas e Eléctricas de todas as viaturas

Serviços especializados de Chapeiro e Pintura

Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas

Lavagem automática — Reboque Permanente

Ângulo da Av. 24 e Rua 29

ESPINHO

Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097



"O VIVEIRO"

Aquários - Alimentação
Aves - Peixes
Gaiolas nacionais e estrangeiras
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52

Telef. 921622

Merc. Municipal — Espinho

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.

DOENÇAS DOS OLHOS

ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.

TELEFONE 922470 — ESPINHO

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO Rua 16 n.º 868

Todo o serviço de enfermagem no Centro e ao domicílio. Aluguer de oxigénio e camas articuladas

Horário: 9 às 12,30 e 14 às 19 h.
Domingos e Feriados 10 às 12 h.

Telefones 921587 e 922329

SACOS DE PAPEL E
PAPEIS DE EMBALAGEM
DE TODAS AS QUALIDADES
FIOS DE SISAL E NYLON

Rogério Pinto Moreira, L.ª

Telef. 967079

S. Paio de Oleiros

FÁBRICAS



APOIAR O DESPORTO AMADOR

Concluimos hoje o debate sobre o caso dos «Convites do Voleibol», em que intervieram os eng.^{os} Arménio Gomes e Jorge Monteiro, bem como Rolando de Sousa, guardando para este número as considerações que a propósito se fizeram sobre o desporto amador em Espinho e que ultrapassam no seu interesse o âmbito restrito do motivo principal do debate.

J. M. — Parece-me que estas questões entre as secções de voleibol da AAE e do SCE nunca se poriam se os dois clubes tivessem estruturas para mobilizar para o desporto a generalidade da juventude espinhense. Julgo que só 5 a 10% dos nossos jovens estão enquadrados pelos clubes e penso que se houvesse outras estruturas os atletas seriam tantos que problemas destes deixariam de ter sentido.

A. M. — Há de facto muito a fazer. E até ideia do SCE colocar redes de voleibol em vários pontos da cidade, e quem diz voleibol diz andebol ou outros recintos desportivos improvisados. Mas não sabemos se haverá possibilidades de pôr a ideia em prática. Os clubes são muito pouco apoiados e, neste caso, o SCE luta com muita falta de apoios. Não nos é possível fazer, no D.A.A., uma previsão de despesas com vista à planificação do trabalho para uma época, pois as únicas receitas que podemos garantir são as das organizações dos Bailes de Fim de Ano e do Carnaval, em conjunto com a AAE, e do Futebol de Salão. É a previsão que podemos fazer...

J. M. — Lembro a propósito que a Federação Portuguesa de Voleibol tem um programa de fomento, aprovado pela D.G.D. Pois, quando organizámos o Torneio da Páscoa e pedimos um subsídio à F.P.V., tivemos apenas como resposta que não havia impedimento para a sua organização...

A. G. — Procura-se fazer o fomento do desporto à custa dos clubes e não se apoiam os clubes. É o caso da final do Nacional da II Divisão de Andebol, em que o SCE fez questão de comparecer, pois é a única modalidade amadora em que lhe falta fazer o fomento do andebol. Obrigam-nos a fazer uma despesa de 30 contos e prometem-nos apenas parte da receita que poderá dar um ou dois contos... Se não fosse o respeito pelo trabalho da secção até nem tínhamos ido. Assim, teve-se de andar a pedir a ajuda de alguns amigos e mesmo assim ainda não sei como vai ser.

J. M. — Já que referiu a questão dos títulos, parece-me que a luta pelo título prejudica por vezes o trabalho no desporto e creio que o voleibol do SCE tem sido prejudicado por isso.

R. S. — Há de facto quem se desmobilize à primeira derrota que afaste a possibilidade de vencer um campeonato e isso talvez tenha sucedido no voleibol do SCE. Mas o que existe sobretudo é uma certa influência exterior, por parte sobretudo de adeptos mais antigos habituados aos grandes êxitos do voleibol espinhense, o que se compreende. Mas não julgo que isso tenha prejudica-

do o trabalho de base do nosso voleibol. O trabalho faz-se, os títulos é que podem ou não aparecer.

A. G. — Não vejo que se possa criticar o trabalho do voleibol do SCE. Pedimos meças quanto a isso a qualquer clube com as nossas possibilidades e vejamos que desde há vários anos que o Espinho apresenta equipas de voleibol em todas as categorias.

Já agora gostaria de retomar o caso de António Leitão. Dizem que só em Lisboa é que há condições e pegava-se nisso para justificar a ida do nosso atleta para o Sporting. Pois recentemente os dirigentes do Sporting deslocaram-se a Espinho e dirigiram-se ao pai do Leitão, propondo a continuação dos seus treinos aqui com o mesmo treinador Jorge Ramiro, sugerindo que o Leitão só precisaria de ir a Lisboa às competições para vestir a camisola do Sporting. É um bom exemplo de como muita gente continua de facto a encarar o desporto no nosso país.

Ainda em relação aos apoios gostaria de referir que, em meio ano, o SCE pagou 50 contos pela utilização do pavilhão da Escola Industrial, o que se não compreende, pois quer a escola quer o desporto dependem do mesmo ministério, o da Educação.

J. M. — O MEC rodeou o problema baixando o aluguer e obrigando os clubes a pagarem horas extraordinárias ao empregado do pavilhão, o que vem a dar no mesmo.

Outra questão que me parece importante é a do centro de medicina. Não entendo como ainda não se criou um centro em Espinho, obrigando-se os atletas a irem ao Porto. E como lá há uma grande afluência o que acontece é que os exames são muitas vezes feitos «ad hoc», o que é uma solução que também não interessa a ninguém.

A. G. — Essa questão parece-me muito importante. O SCE por acaso tem um médico que faz esse serviço quando é preciso, mas não é para isso que está no clube, mas sim para assistência principal aos atletas do Futebol.

Mas há ainda outras despesas que podiam ser evitadas. O caso da energia eléctrica, que poderia ser facultada aos clubes, sob certo controle, como já acontece aliás com as Federações que dependem dos clubes e que são consideradas de utilidade pública. A questão do policiamento e dos transportes, que tanto sobrecarregam os clubes, julgo que também deveriam merecer uma legislação de protecção e até me parece que seria útil que os clubes se reunissem para em conjunto estudarem estas situações.

ANDEBOL

S. C. Espinho, 23
Atl. Sismaria, 20

Em Portalegre, no último sábado, a equipa de andebol concluiu três épocas de escalada meteórica nos degraus da modalidade. Quase sozinho em Aveiro, sem possibilidades de competição, a passagem para a Associação do Porto em 1975 foi o início da ascensão: em 1975-76, campeões regionais da III Divisão, em 76-77, campeões regionais da II Divisão e agora, em 1977-78, campeões regionais da I Divisão e, o que faltava, campeões nacionais da II Divisão, já depois de garantida a subida à I Divisão Nacional



e dum comportamento brilhante na Taça de Portugal, interrompido apenas pelo Belenenses.

Neste jogo de verdadeira consagração, o resultado foi

construído na primeira parte (16-8) e a recuperação dos Leirienses na segunda nunca chegou a fazer perigar uma vitória incontestada.

A. A. E. Campeã Regional de XADREZ

Provocando justificada sensação nos meios xadrezistas nortenhos, a equipa da Secção de Xadrez da Associação Académica de Espinho acaba de cometer a proeza de vencer o Campeonato Regional do Porto por equipas.

No último encontro, que tinha carácter decisivo, os acadêmistas derrotaram o C.D.U.P. por 3-1 (garantindo assim o 1.º lugar com 27 pontos, tendo consentido apenas um empate frente ao Grupo de Xadrez do Porto nos nove encontros disputados. Classificaram-se a seguir o G.X.P. com 26 pontos, o C.D.U.P. com 23,5 e o Vilanovense com 20

Esperamos já dar, no próximo número, o desenvolvimento que justifica o trabalho que tem sido na S.X.A.A.E. e que agora conheceu a sua melhor compensação.

Hóquei em Patins

INICIADOS RENOVAM TÍTULO

Afastados que foram os infantis da possibilidade de renovarem pela quarta vez o título regional da categoria e apesar do seu excelente comportamento, o último jogo dos iniciados com o F.C. Porto era aguardado com alguma expectativa, pois os visitantes apenas haviam perdido o jogo da 1.ª volta com esta equipa da A.A.E. Os acadêmistas acabaram por confirmar a sua superioridade, vencendo por 6-3, marca que espelha no entanto a valorosa réplica dos portistas.

Continua assim, concluída a sua quarta época, a carreira invulgar desta equipa, que começando quase toda nos infantis, apenas consentiu desde então um único empate.

Futebol de Salão

Tempo de verão é tempo de futebol de salão. Os torneios vão aparecendo, para além do Torneio do S. C. E. onde se vêm defrontando os «craques» do futebol local.

TORNEIO DE «OS ESPERANÇAS»

Decorre (entretanto) em Silvalde o I Torneio de Futebol de Salão de «Os Esperanças», que se vem realizando no Recinto Desportivo daquela freguesia desde 3 de Junho e cuja fase final se inicia amanhã.

TORNEIO DA A. A. E.

Reservado unicamente a praticantes amadores, realiza-se o IX Torneio de Futebol de Salão da A. A. E., no próximo mês de Agosto. As inscrições já estão abertas, das 21,30 às 23 horas, na sede da Associação Académica.

Só faltava o Nacional!

CORTA - MATO «PORTA-VOZ»

Integrado no plano do Serviço de Realizações Culturais e Recreativas do Siljornal para fomento das modalidades ditas «pobres» na freguesia, realizou-se recentemente em terrenos atrás da igreja de Silvalde o I Corta-Mato «Porta-Voz» para atletas não filiados de todos os escalões e ambos os sexos.

Concorreram cerca de 70 atletas de 8 clubes, tendo o Clube Académico de Espinho arrecadado três vitórias colectivas e o Grupo Cultural de Mózelos uma.

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º
Telef. 921014
ESPINHO

CASA RAICA

Modas e Confeções

RUA 62 N.º 101 ESPINHO

GRANDE CASINO DE ESPINHO

SÁBADO, 29 DE JULHO — 15,30 horas

FINAL DO

Festival Infantil Intérpretes da Canção

Magnífico programa de variedades para Crianças com os palhaços parodistas musicais FREDIANIS & PARTENAIRE e o Coro Infantil da A.D.F.A. (Porto)

Em 16 de Setembro
VESTIDO DE CHITA INFANTIL

FOTOGRAFIAS TIPO PASSE EM 10 SEGUNDOS

CENTRO FOTOGRÁFICO

de ALVARO NUNES DE PINHO

Tudo para fotografia e Cinema - Retratos
Relojoaria electrónica

Rua 8 n.º 645

ESPINHO

TEATRO EM ESPINHO

A QUEDA DE UM ANJO

de Camilo Castelo Branco

pelo SEIVA TRUPE — teatro vivo

Sábado, 29-7-78 — às 21,30 horas

na ESCOLA INDUSTRIAL



SOBRE A OBRA :

«O problema da responsabilidade preocupou sempre Camilo. Em que medida somos livres de escolher entre o bem e o mal? Temos de obedecer a um destino? Deus intervém nos negócios humanos? Como pode Ele consentir a precipitação de um anjo em cada dia?»

Jacinto do Prado Coelho

«Eu sou um homem que conto a minha vida quando não posso, por ignorância, contar a vida alheia».

Camilo Castelo Branco

SOBRE A PEÇA :

«Porquê a escolha de A QUEDA DE UM ANJO, de Camilo Castelo Branco? Em primeiro lugar porque é um romance extraordinariamente divertido, coisa importantíssima para o Teatro em geral, e em particular quando se lida com o público português o qual, como diria Fernando Pessoa, como que sofre de uma indisposição cultural nativa. A QUEDA DE UM ANJO corresponde à necessidade de fazer rir sem mais rodeios».

E em segundo lugar porque, partindo-se de um romance romântico, permite o analisarmos dialeticamente uma série de contradições do próprio romantismo».

Fernando Luso Soares, o adaptador

ORGANIZAÇÃO DA NASCENTE

Maria do Céu, 16 anos, ajudante de cabeleireiro

Matou-se.

Suicidou-se.

Põe-se debaixo de um combóio. Aos 16 anos, sim senhor. Ali ao sul, para os lados de Sintra.

Soubes-se pelos jornais. (Os nunca faltam quando a gente morre. E fazem título quando a gente se mata. Mas nem sempre estão atentos à vida da gente).

Desta vez não era uma madrasta que a espancava. Era a mãe mesmo. E o padrasto estava de acordo. As vezes

ela ficava num bolo; nem podia ir trabalhar. Todos os vizinhos ouviam os gritos, quando havia tarefa. O que era frequente, dizem. Até chegaram a fazer queixa à polícia. Mas foi silêncio que pouco floriu.

Custa-me a crer que uma moça de 16 anos se mate só por apanhar pancada. A pancada dói agora e amanhã já passou. O pior são as feridas que ficam lá dentro. O pior é o que está por trás da tarefa, aquilo que não bate no corpo mas... leva uma

pessoa até debaixo do comboio.

Ela podia ter feito queixa. Por que não fez?

Ela podia ter fugido. Por que não fugiu?

Ela podia ter vivido. Por que não viveu? Por que não quis viver?

Uma pessoa é destruída de muitas maneiras.

Cá para mim, penso que a Maria do Céu já estava morta há muito tempo, talvez há anos. Morta. Mesmo morta. O comboio não foi mais que uma formalidade.

Ofício vai, ofício vem

continuação da página 1

rotineiramente a «folha oficial», o Diário da República, os olhos nem querem acreditar quando encontram perdido entre tanto despacho, decreto e nomeação, algumas das coisas que já desesperavam.

Desta vez, Espinho deu que fazer aos tipógrafos da Imprensa Nacional. Todo começou com a aprovação de obras de beneficiação do pontão da Ponte de Anta, continuando significativamente com o despacho do Secretário de Estado das Obras Públicas, aprovando a continuação da rua 19 até ao Picoto.

Mas nem só aqueles que

andam de carro se devem congratular com o que recentemente tem sido publicado no Diário da República. Você que tem perdido muitas e boas horas naquelas enervantes bichas da única estação de correios da cidade, pode começar a acreditar em melhores dias. É que foi já publicada a declaração de utilidade pública da expropriação dos terrenos do quarteirão compreendido entre as ruas 26, 28, 27 e 29, para a construção do novo edifício dos CTT. E apostamos que a estas horas os amantes do campismo que costumam vir até Espinho, bem como os que não têm

vindo por falta de instalações mais acolhedoras, se devem sentir mais animados por verem mais de perto a criação do novo parque, a construir na zona de Sales. Isto porque, por despacho do ministro do Comércio e Turismo, foi autorizada a posse administrativa imediata pela Câmara dos terrenos necessários para a construção daquele tão desejado Parque.

Enfim, alguns processos e «dossiers» que ficaram um pouco mais cheios, mas agora com perspectivas mais animadoras de virem algum dia a transformarem-se em realidades palpáveis e beneficiadoras da colectividade.

De quem são os terrenos?

continuação da página 1

Fomos. Deparamos com um venerável ancião que nos disse chamar-se António Joaquim Tavares.

— «Eu conheço estes terrenos desde pequeno. Confinavam com umas terras de minha mãe e por isso conheço-os bem. Venha comigo que já lhe mostro».

Caminhámos um bocadinho. Durante o passeio perguntámos se estava a par do que se passava.

— «Sim, vagamente ouvi falar. Tenho em minha opinião que os terrenos são da Câmara».

Chegados ao local, o sr. Tavares fez uma verdadeira demonstração da topografia local. Tudo muito claro até que topámos com uns determinados marcos.

— «Aqui é que está tudo mais confuso. Segundo estes marcos é este o terreno em disputa (mostrou com a mão girando em redor). Estes terrenos foram

comprados pela Câmara».

Estávamos em pleno exame da situação topográfica quando se abeirou de nós um senhor que posteriormente se identificou como genro de Henrique Moreira de Sá.

Disse-nos que lera a notícia de «M. V.» em que pela primeira vez se abordara o problema. Que não concordara com certas afirmações, etc. Mas que enfim era a missão do jornalista e aceitava o facto.

Quanto aos terrenos, que sim, eram de facto de Henrique Moreira de Sá, pois os comprou ao sr. Raul Metralha. Escritura? Sim, estava tudo legal nas finanças. O que pensava do facto do vendedor não ter escritura? Bem de facto não tinha, mas é costume poderem vender-se terrenos desde que existam testemunhas que atestem a sua posse legítima. Testemunhas? Pois bem, o sr. Alberto Barbosa, por exemplo.

— «Tudo o que Henrique Moreira fez é legal, comprou o terreno, fez escritura e como é de lei nestes casos, a escritura foi publicada diariamente durante 3 meses no Diário do Governo. Como não apareceu ninguém a contestar, o terreno é dele».

O sr. Tavares interveio:

— «Nunca conheci aqui nenhum Metralha».

Resposta:

— «É natural, pois esse senhor é de fora e herdou este terreno. Aliás não percebo porquê tanta sanha contra Henrique Moreira. Ele pretende utilizar este terreno para bem da freguesia, pois até está a pensar em pôr aqui umas bombas de gasolina».

A conversa ficou por aqui. viemos embora. Desafio ao leitor: de quem são os terrenos? De Henrique Moreira ou da Câmara de Espinho?...

CINANIMA 78

continuação da página 1

tival, a C. O. pôs em relevo a sua importância na confirmação das possibilidades de se fazer uma correcta descentralização cultural e acentuou que a transferência da conferência de imprensa para o Norte corresponde a mais um esforço nesse sentido.

O CINANIMA 78 continuará portanto a divulgar o cinema de animação e a estimular o intercâmbio cultural com outros países. Terá, como em 77, três secções que englobarão os filmes apresentados a concurso, conforme critério de uma Comissão de Selecção: secção

competitiva internacional, mostra internacional não competitiva e panorâmica da produção do cinema animado não profissional. A secção competitiva internacional será apreciada por um júri internacional formado por Joy Batchelor (Inglaterra), Pierre Vlerick (Bélgica), Ryszard Czekala (Polónia), Jean Pierre Brossard (Suíça), Artur Correia e Fernando Lavrador (Portugal), integrando assim representantes das mais importantes organizações internacionais do cinema animado e do movimento cineclubista (ASIFA, BILIFA e FICC), bem como um realizador e um crítico portugueses.

A C. O. estima em cerca de 900 contos as despesas de organização, contando para a sua cobertura com o apoio do Instituto Português de Cinema, do FAOJ e da Fundação Gulbenkian e, a nível local, com a participação em cerca de 15% da Câmara Municipal de Espinho. Recordou entretanto a modéstia desta verba em comparação com os 25.000 contos que custa, por exemplo, o Festival de Zagreb,

também de cinema de animação.

Respondendo a algumas questões ali postas, a C. O. adiantou que está já garantida a participação de um ainda maior número de representações estrangeiras, na sua maioria com filmes em 35 mm. Quanto aos filmes em 16 mm, estão também asseguradas melhores condições técnicas de projecção.

Em relação à presença dos órgãos de informação, a C. O. não deixou de lamentar a ausência dos mais importantes diários portugueses, pois, além do «Maré Viva», compareceram a R. T. P. e a revista «Cinema Novo», tendo a R. D. P. avisado da impossibilidade de comparecer devido às comemorações do Dia do Turista no mesmo dia, mas pondo os seus estúdios ao dispor da Comissão Organizadora.

A propósito, e tendo em vista uma maior adesão da Imprensa em conferências próximas, um dos presentes sugeriu ironicamente que estas fossem acompanhadas de um «copo-d'água»...



PORTE
PAGO